

VISCARDI, Janaisa Martins. Prosódia e significação: considerações a partir da fala de um sujeito afásico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Ano 4, n. 7, agosto de 2006. [<http://paginas.terra.com.br/educacao/revel/>].

PROSÓDIA E SIGNIFICAÇÃO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA FALA DE UM SUJEITO AFÁSICO

Janaisa Martins Viscardi¹

isaviscardi@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo pretende abordar, de forma sucinta, a importância da prosódia para o processo de construção da significação na afasia, tendo como base a análise de dados do sujeito CF, participante do grupo de vivência do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) desde 1991. Sua atuação nas sessões – descrita sucintamente neste artigo – pareceu fundamental para a manutenção (e reorganização) de práticas linguísticas significativas, estando aqui em destaque o aspecto prosódico de sua produção.

PALAVRAS-CHAVE: prosódia; significação; afasia; automatismo.

INTRODUÇÃO

As idéias desenvolvidas ao longo deste artigo são parte integrante das reflexões que compõem a dissertação de mestrado intitulada “O estatuto neurolingüístico do automatismo”, orientada pela Prof^a Edwiges M. Morato. O escopo daquele trabalho foi compreender e determinar o estatuto do automatismo, fenômeno presente na produção afásica. Para melhor compreender sua semiologia, foi preciso esmiuçar suas formas de ocorrência, o que levou em consideração as práticas linguísticas significativas em que ele ocorria, através da análise de dados do sujeito CF, afásico, participante das práticas desenvolvidas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), alocado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na UNICAMP. A partir dessas observações, constatou-se que a prosódia exercia ali papel fundamental, sendo empregada com o intuito de produzir significação por parte do sujeito CF.

¹ Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

O objetivo deste trabalho é pois discutir a importância da prosódia no funcionamento da linguagem dita patológica, mostrando que seus usos em muito se igualam à forma como sujeitos não-afásicos fazem uso da prosódia para produzir significação. Nesse sentido, este trabalho reclama para a prosódia um papel de relevância no funcionamento lingüístico, tanto em contexto patológico quanto em contexto dito normal. A prosódia, como será apontado aqui, é uma das formas encontradas pelo sujeito de organizar as estruturas que lhe estão acessíveis, mas não a única, como pode ser observado na íntegra do texto “O estatuto neurolingüístico do automatismo”, que trata também do papel conferido aos marcadores discursivos, à gestualidade, às interjeições e aos processos dialógicos no funcionamento lingüístico.

1. O QUE É O AUTOMATISMO?

De acordo com os estudos tradicionais (Blanken, 1991; Blanken et al, 1991, 1997; Code, 1997,1994; entre outros), a produção monofásica² seria aquela em que, em função de uma afasia, o sujeito produziria um único segmento – seja ele uma sílaba, uma palavra, ou mesmo um enunciado –, em resposta a qualquer *estímulo*, sendo essa produção marcada prosodicamente – da mesma forma que em contexto dito *normal* – através da entoação, da duração e do ritmo.

Tal produção, porém, *substituiria* o uso de outros enunciados, sendo realizada de forma *automática*, isto é, ela ocorreria independentemente da intenção do sujeito que a produz, sendo, portanto, considerada involuntária. De acordo com os mesmos estudos, também a compreensão está prejudicada e a evolução no quadro afásico desses sujeitos, isto é, a evolução nas condições de produção de sua fala é quase que totalmente descartada, salvo algumas exceções.

Além disso, apesar de ser descrita a presença da prosódia como aspecto bastante saliente na produção monofásica, ela não é considerada como uma tentativa de reorganização da fala ou ainda como constitutiva da produção de sentido por parte do sujeito. De acordo com estes autores, uma análise desses contornos revelaria mais sobre a postura do interlocutor que está diante do sujeito dito monofásico do que sobre sua própria intencionalidade. Isto é, para esses autores, ocorreria um esforço por parte dos

² Nome empregado nos estudos tradicionais para caracterizar a produção do automatismo.

interlocutores para tentar interpretar as curvas entoacionais produzidas por estes sujeitos.

Para chegar a essas conclusões, os estudos tradicionais fazem uso do teste como o ambiente padrão de análise da fala dos sujeitos afásicos. Entre os elementos que são avaliados dentro dessa bateria de testes, inclui-se o que se chama inadvertidamente de “fala espontânea”. Porém, o emprego deste termo não corresponde ao que se vê dentro da área de Linguística para se referir às situações de uso efetivo da linguagem, enunciativamente contextualizado e pragmaticamente investido e mobilizado.

Aquilo que é chamado de fala espontânea pelos autores de testes diagnósticos não considera o caráter interativo da linguagem, tido como fundamental para o presente estudo. O que se tem é o uso de perguntas de caráter informacional direcionadas aos sujeitos afásicos (“qual seu endereço?” “Desde quando ficou doente?”, etc.), sendo este tipo de produção tido como fala espontânea somente por permitir que o sujeito responda à pergunta de forma menos *dirigida* que nos testes. Cabe, porém, destacar que isso não caracteriza propriamente uma fala espontânea.

Nesse caso, o que temos é também uma forma de *teste*, onde não há troca entre os interlocutores, a considerar que o *entrevistador* não se porta como tal, estando ali presente numa situação assimétrica e finalisticamente orientada como avaliador das respostas proferidas pelo sujeito afásico. O diálogo se constitui, nesses casos, de forma artificial e dirigida, como uma via interlocutiva de mão única, que vai do *entrevistador* ao *entrevistado*, o que mantém o sujeito afásico como *paciente* e não *agente* da interação.

Nesses trabalhos a linguagem é vista, então, como instrumento de análise das condições patológicas já pré-estabelecidas, isto é, a aplicação de testes é efetuada – tendo a linguagem como mediadora da avaliação – no sentido de averiguar se as características presentes no interior do quadro semiológico das afasias de fato se aplicam em larga escala, isto é, em estudos com um grande número de sujeitos.

Essa desvalorização do repertório lingüístico dos sujeitos afásicos faz com que os mesmos sejam constantemente “pegos em flagrante”, sendo cada produção considerada uma constatação da afecção que os acometeu. Assim, se as formas que constituem a fala dos sujeitos afásicos não são reconhecidas por esses autores, também não é reconhecida a manutenção da linguagem na afasia, sendo portanto desconsiderada como elemento presente, estruturador e permeador das relações dos sujeitos afásicos (assim como o é para os sujeitos não-afásicos) com o mundo.

2. NOVA METODOLOGIA, NOVA EXPLICAÇÃO PARA FATOS DA LÍNGUA

A considerar a explicação dada pelos estudos tradicionais para o papel da prosódia na produção do automatismo, pareceu relevante retomar seu estudo a partir de um novo olhar, que levaria em conta agora a relação do sujeito com seus interlocutores, sendo constantemente confrontado com sua atual condição, o que permitiria a ele fazer uso de diferentes práticas linguísticas significativas. Somente sob esse viés parece possível compreender se a riqueza prosódica característica da produção do automatismo poderia ser interpretada como parte significativa de sua produção, estabelecendo a partir daí um paralelo entre o papel da prosódia na afasia e no funcionamento *normal* da linguagem. Assim, a construção de uma metodologia para a obtenção e análise dos dados que constituem este trabalho foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

Os episódios apresentados aqui foram obtidos a partir da seleção de algumas sessões do grupo do CCA coordenadas pela prof^a Edwiges Morato. As sessões são realizadas semanalmente e possuem cerca de três horas de duração. O trabalho lá desenvolvido caracteriza-se pelo acompanhamento longitudinal dos sujeitos afásicos, a partir de sua participação em grupos compostos por afásicos e pesquisadores, que estão expostos a práticas linguísticas significativas de uso sociocultural. São realizadas leituras, uma variedade de temas é trazida à baila pelos membros do grupo, o que permite aos sujeitos estarem em constante contato com diferentes práticas com a linguagem, tornando possível reconhecer as alterações promovidas pelo sujeito afásico ao longo de seu convívio com a doença. É também através deste trabalho que a negociação de formas alternativas de produção de significação é construída pelo próprio sujeito afásico, em constante confronto (e diálogo) com sua condição.

O sujeito analisado aqui participa de tais sessões desde o ano de 1991, quando contava com 31 anos. CF, graduada em Terapia Ocupacional atuando junto a crianças deficientes, foi acometida por uma forte dor de cabeça, tendo sido constatada ruptura de aneurisma. Ela foi submetida a uma cirurgia e, seis anos após este acometimento, foi encaminhada ao Hospital das Clínicas da UNICAMP, onde foi diagnosticada uma afasia de Broca do tipo eferente, tendo sido encaminhada ao CCA por conta de seu diagnóstico.

Após o acometimento da afasia, CF não mais voltou a exercer sua profissão, porém ela está sempre em contato com atividades bastante diversas e que lhe motivam,

o que mostra o caráter ativo de CF frente às possibilidades de realização de novas atividades.

Sua produção caracteriza-se basicamente pela presença de um automatismo que não constitui palavra presente na língua portuguesa: *esaw*. Este segmento pode ser produzido de forma duplicada, constituindo *esaw esaw*, como também isoladamente. Do uso de *esaw*, surgiram duas variantes: *esa*, que pode ser produzida tanto em conjunto com *esaw* quanto isoladamente, e *esew*, que também pode ser produzido isoladamente ou ainda acompanhado de *esa* ou *esaw*.

Esses segmentos são produzidos quase todo o tempo em sua fala, preenchidos por uma rica marcação prosódica e, em diversos casos, acompanhados de outros vocábulos que CF parece ter “readquirido” ao longo dos anos. O que parece ocorrer, no entanto, no decorrer de sua participação no CCA, é uma alteração nas funções que o automatismo desempenha em sua fala. Essas funções parecem se alterar porque os novos elementos que vão constituir seu repertório lingüístico ganham importância em sua fala, preenchendo alguns ambientes de utilização do automatismo.

Esse movimento na configuração de seu repertório só parece possível em função de sua atuação diante do grupo e de sua forte competência pragmática, que a auxilia e estimula todo o tempo a participar da interação e produzir significação de várias formas, verbais e não-verbais, o que confere a ela um *ethos* de falante, a considerar que mesmo tendo diversas dificuldades com relação ao planejamento da produção de vocábulos pertencentes à sua língua materna, ela se faz compreender e se mostra parte integrante e ativa dos processos de interação.

Cabe destacar uma vez mais que o enfoque deste artigo está em discutir o papel da prosódia, em especial, na produção lingüística de CF. Outros movimentos ocorridos na configuração de seu repertório, como sugerido no parágrafo anterior, não serão contemplados aqui, ainda que se acredite na correlação entre eles. O que se pretende aqui é realizar um recorte que destaca o papel da prosódia, ainda que outros processos ocorram concomitantemente a este.

3. A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

A transcrição dos dados foi feita em duas etapas. Na primeira delas, a transcrição se deu com base em algumas das convenções estabelecidas e propostas pelo Projeto

NURC³ para a transcrição de *corpora* orais. A considerar que o *corpus* é constituído de fala espontânea, a escolha pela transcrição a partir das formulações do NURC pareceu a mais sensata. O quadro a seguir caracteriza essa primeira etapa de transcrição:

SÍMBOLO	OCORRÊNCIA
()	Incompreensão de palavras ou segmentos
(hipótese)	Hipótese do que se ouviu
/	Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)
Maiúscula	Entoação enfática
:: podendo aumentar para ::: ou mais	Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)
-	Silabação
?	Interrogação
...	Qualquer pausa
((minúsculas))	Comentários descritivos do transcritor
[ligando as linhas	Superposição, simultaneidade de vozes
(...)	Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.
“ ”	Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação.
EM	O uso do negrito na sigla utilizada para fazer referência aos sujeitos que participam do diálogo indica que o mesmo é pesquisador, sujeito não-afásico ⁴ .

Quadro 1: sistema de notação da transcrição conversacional

Na segunda etapa, a transcrição conversacional foi completada pela transcrição prosódica da produção de CF, embasada nas convenções utilizadas por Scarpa (2001). Cabe neste ponto uma justificativa para o uso desta convenção. Dentro do quadro dos estudos da área, não parece haver uma sistematização das convenções empregadas na transcrição da prosódia. Cada linha de trabalho define suas próprias convenções de acordo com a perspectiva teórica a que pertencem, sendo as mesmas também passíveis de variação de autor para autor.

Além disso, são poucos os trabalhos na área de prosódia que se situam sob uma perspectiva enunciativa e que, portanto, consideram a conversação seu objeto de análise. Dentro deste quadro, a escolha das convenções propostas em Scarpa (2001) foi feita por

³ Retiradas de http://www.fflch.usp.br/dlcv/nurc/normas_para_transcricao.htm, em 30 de agosto de 2004.

⁴ O emprego desta notação se deu com o intuito de melhorar a visualização do dado no que compete à produção dos sujeitos afásicos e não-afásicos.

ser esta uma autora que desenvolve trabalhos nas áreas de aquisição de linguagem (fazendo diversas vezes um paralelo entre a aquisição e a afasia) voltados a uma perspectiva mais próxima também das características deste trabalho no que se refere à constituição de seu *corpus*, isto é, o uso de dados de fala espontânea.

A seguir é apresentada a tabela referente às marcações prosódicas previstas no *corpus*.

SÍMBOLO	OCORRÊNCIA
↑	Subida na curva entoacional, em sílabas nucleares.
↓	Descida na curva entoacional, em sílabas nucleares.
→	Neutralidade na curva entoacional, em sílabas nucleares.
//	Marcação de fronteira de enunciado, com pausa.
][Marcação de fronteira de enunciado, sem pausa.
/	Interrupção/corte na fala.

Quadro 2: sistema de notação da marcação prosódica

Para que a análise das curvas entoacionais fosse realizada de forma mais precisa, os dados selecionados foram digitalizados sob uma taxa de amostragem de 22,5kHz com o auxílio do programa CSL, gentilmente cedido pelo Laboratório de Fonética Acústica e Psicolingüística (LAFAPE)⁵, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da UNICAMP. Em seguida, os dados foram transferidos para o computador, o que permitiu que as curvas fossem analisadas através do uso do programa Praat, software bastante utilizado na análise de dados na área de Fonética Acústica.

⁵ Gostaria de agradecer, em especial, à professora Eleonora Albano por ter disponibilizado os equipamentos necessários para a digitalização dos dados. Agradeço ainda o apoio dado pelos pesquisadores Pablo Arantes e Laudino no manuseio dos aparelhos.

4. A ANÁLISE

Por mais que haja um discurso em torno das funções da prosódia no que concerne à construção de sentido e à estruturação do discurso, os estudos na área de Linguística raramente se dedicam à descrição deste aspecto como parte constitutiva do funcionamento linguístico. Uma justificativa para tal comportamento pode estar associada à tardia consideração da Fonética como disciplina da Linguística e, portanto, à tardia consideração de seus aspectos constitutivos como elementos propriamente linguísticos. Uma outra justificativa que pode estar vinculada a tal comportamento é a de que não há normas de transcrição internacionais para a prosódia como há tais normas para a transcrição dentro da fonética segmental (como o alfabeto fonético IPA).

É possível destacar também a dificuldade em separar, dentro do campo da prosódia, a forma de sua função. Em geral, o que se tem são estudos que se dedicam a estabelecer essa relação direta entre a forma e a função de uma curva entoacional. Nesse sentido, este trabalho é inovador ao destacar os elementos que constituem a prosódia e dar a eles caráter explicativo junto aos processos de construção do sentido e de funcionamento da linguagem.

Não obstante, é importante apontar que o presente trabalho não considera a prosódia constituída de um papel autônomo na produção de significação, da mesma forma que não considera que o léxico tem autonomia sobre a prosódia e que os significados dependem apenas de um ou outro elemento na análise linguística. Este trabalho pretende destacar a importância da prosódia analisada dentro de um contexto de produção, sem considerá-la de forma isolada e à parte da construção textual.

Considera-se aqui que é a inter-relação entre os diferentes níveis linguísticos e também entre diferentes sistemas semióticos, como é o caso da gestualidade, que permite ao sujeito construir o sentido e é essa inter-relação entre os diferentes níveis linguísticos – dado que o funcionamento da linguagem é um processo dinâmico – que permite o funcionamento da linguagem. Pode haver, no entanto, a sobreposição de um nível sobre o outro nos casos em que há o déficit ocorrido, neste caso, em função da afasia. Porém, isso não implica dizer que, por haver este tipo de déficit, somente o nível prosódico atua no funcionamento linguístico, mas sim que ele adquire maior saliência em função de seu quadro afásico.

Tendo em mente os pontos destacados anteriormente, tem início a análise de dados. O primeiro trecho que será apresentado faz parte da sessão ocorrida em outubro de 1992. Neste trecho, os participantes estão comentando sobre as eleições, ocorridas na semana anterior à sessão. LM, afásico, justificou seu voto e CF pergunta a ele o motivo que o levou a justificar. Neste caso, observa-se a inter-relação entre dois elementos constituintes da prosódia, que são a duração e a curva entoacional. Vejamos o trecho:

Trecho 1

1. LM: eu voto... lá em Minas
2. CF: →ah:// esaw e→sa:w?
3. MI: o título dele é lá em Minas então...
4. CF: →ah:// esaw e→saw ((mostrando acompanhamento do tópico))
5. LM: [complicô né?
6. CI: complicô
7. CF: e↓saw ((concordando com a fala de CI e LM))
8. EM: é perto de Pouso Alegre... num vô nem fazê a pergunta
9. CF: [→ah// esaw e↑saw?

A inter-relação entre estes dois elementos pode ser observada na segunda e na quarta linha do trecho, tendo tal inter-relação o papel de auxiliar na organização prosódica dos enunciados. A escuta do trecho sugere que a primeira seqüência de *ah esaw esaw* é uma pergunta, enquanto a segunda seqüência, mesmo tendo a mesma forma da curva entoacional, é claramente uma afirmativa. O que poderia haver então de diferente entre ambas e que caracterizaria essa distinção?

O que parece haver de diferente entre as duas sentenças, com curvas bastante semelhantes, é que no primeiro caso o encontro vocálico final de *esaw esaw* possui duração maior que no segundo caso, o que conferiria o aspecto de pergunta ao primeiro.

Este caso difere do caso em que há claramente a produção de uma pergunta, como ocorre também nesta seqüência, no último trecho da interação. Neste último caso, a seqüência vocálica produzida é curta, o que não interfere na interpretação da modalidade do enunciado, a considerar que a curva tem tendência final ascendente, o que claramente denota a pergunta.

Mas não só neste tipo de enunciado a ação conjunta entre a curva entoacional e a duração está presente. Ela também pode ser observada na produção de *é* – enunciado bastante recorrente na produção de CF e empregado de forma bastante produtiva, da mesma forma como o *é* em contexto dito normal – diferenciando os casos em que há concordância com a fala do outro dos casos em que há tentativa de planejamento e/ou manutenção do turno de fala.

Para mostrar essa diferença, apresento a seguir um dado extraído da sessão de março de 1993. Nesta sessão, são apresentadas aos participantes algumas situações para que eles tentem resolvê-las. O tópico da atividade se desenvolve em torno de como proceder quando é preciso desmarcar um compromisso seja com um parente chato ou com um amigo.

Os participantes estão elaborando formas de desmarcar tal compromisso quando MF pergunta a AF e CF que tipo de justificativa eles dariam. CF faz uso do *é* neste trecho tanto para planejamento da fala quanto para responder afirmativamente ao que foi sugerido pela pesquisadora MF. Vejamos:

Trecho 2

1. MF: ...então você disse: “eu não posso ficar”
2. CF: →*é*
3. MF: ...por que que você não pode ficá?
4. AF: aula... aula
5. CF: [→*é*::: // ↑*ai* // *esaw* e → *saw* // e ↓ *saw* //
6. MF: porque eu tenho...
7. AF: aula
8. MF: porque eu...
9. CF: [que eu
10. MF: ...tenho...
11. CF: [tenho
12. MF: ...aula
13. CF: [aula // ↓*é*::: // e ↓ *saw* // ((*afirmando*))

O primeiro *é*, produzido na segunda linha do trecho, é uma afirmação breve, que confirma o já dito por um outro interlocutor. Visto que sua produção não traz consigo um dado novo, ela é bastante curta. Já a produção do segundo *é* (na quinta linha), que representa uma *pausa preenchida*, é bastante alongada em função do planejamento que está sendo realizado. Veja que, nos dois casos, a curva entoacional é representada da mesma forma e o que irá auxiliar o interlocutor a reconhecer a função exercida por cada um deles é a duração da vogal. O terceiro *é* (na 13ª linha), de duração mediana com relação à duração dos demais, introduz uma afirmação enfática, garantida também pela leve tendência terminal descendente na curva entoacional. Observe que, neste caso, são também dois os aspectos que interagem para garantir a compreensão do enunciado: a duração e a curva entoacional.

Além disso, na última linha, o que temos é o uso do processo de especularidade (que resulta na produção de *aula*); o uso de *é*, que constitui neste caso uma afirmação enfática (sugerida pelo alongamento de vogal e pela tendência terminal descendente da curva entoacional) no sentido de confirmar a resposta dada, e o uso de *esaw*, conclusivo,

dando fim ao tópico que estava sendo discutido neste turno. Por ser conclusivo, simples e direto, o *esaw* tem a duração de seu encontro vocálico final bastante curta.

Um outro caso que apresenta o enunciado *é* claramente denotando a tentativa de planejamento da fala pode ser observado no trecho a seguir, ocorrido em agosto de 1993. Os participantes do grupo estão comentando algumas notícias ocorridas no Brasil e EM está tentando se lembrar de uma propaganda que tratava da fome. CF reconhece a propaganda e tenta lembrar o que é dito nela, juntamente com EM.

Trecho 3

1. **EM:** (...) falando assim olha... ai eu não me lembro o... o texto que é muito bom mas é
2. algo do tipo... ah: “desculpa entrá assim no seu almoço no seu jantar... desculpa invadí
3. assim né mas a miséria é uma coisa muito feia!”
4. **CF:** [feia
5. **EM:** ...“num sei quê tal né?”
6. **CF:** ↓é:::
7. **EM:** como é que é... a fome...
8. **CF:** [↓é:::
9. **EM:** cê lembra como era CF?
10. **CF:** ↑ai! //ri//
11. **EM:** a fome não é uma coisa muito bonita de sê vista...
12. **CF:** [→is
13. **EM:** ... e tal né? Então aparentemente é uma propaganda de comida... então pra quem entra mostrando
14. a propaganda...

Na sexta linha podemos observar a tentativa de CF em lembrar-se da propaganda, tentativa que é reconhecida por seu interlocutor, que dá a ela a oportunidade de descrever a propaganda. Reconhecendo a tentativa de planejamento, EM incentiva a produção de CF, que mais uma vez demonstra que está tentando se lembrar da propaganda, sendo sua atitude reconhecida novamente por EM, que lhe pergunta se ela se lembra de como era a propaganda (na linha 9). As duas produções têm suas durações bastante alongadas, o que novamente sugere a utilização de dois recursos na discriminação de diferentes intenções do falante: a duração e a curva entoacional.

Além disso, pode-se destacar também neste trecho a forma como CF faz uso da fala do outro para mostrar que acompanha o tópico discutido. Este modo de se apropriar é bastante característico de sua produção e tem pontos interessantes a serem destacados, ainda que não sejam exaustivamente estudados aqui. Nas linhas 4 e 12 do trecho 3, CF “repete”⁶ a produção de seu interlocutor e indica através desse movimento que ela

⁶ Repetir vem entre aspas porque na verdade CF não repete, mas realiza um comentário usando a produção de seu interlocutor a partir da inserção de curvas entoacionais diferenciadas na produção desses

acompanha o tópico. Mas não é só o efeito que produz tal “repetição” (a indicação do acompanhamento do tópico) que nos interessa aqui. Ao longo de toda a sua produção, nos anos em que o quadro afásico a acompanha, CF costuma produzir partes ou a íntegra do final do enunciado de seu interlocutor, mas essa produção se dá, inúmeras vezes, a partir do acento frasal, o que indica uma vez mais a importância de elementos da prosódia para sua produção. Veja uma amostra dessa ocorrência no trecho a seguir:

Trecho 4

1. **MI:** e o que ele tá escrevendo aqui CF?
2. **CF:** ↑ó// →é::
3. **MI:** ele tá marcando o quê?
4. **CF:** →é::
5. **CFL:** os presentes
6. **CF:** SÁrio
7. **MI:** tá marcando os presentes ou o aniversário?
8. **CF:** [é::
9. **CFL:** presentes
10. **CF:** ↑ente// ↑hum!
11. **MI:** tá marcando os presentes... fazendo a lista de chamada

Na linha 10, CF realiza o mesmo tipo de produção da linha 12 do trecho 3, em que não pronuncia a consoante que dá início à sílaba tônica de *presente*, *sen*, que coincide com o acento frasal neste caso. Observa-se então que ela parte do acento, mas não reproduz toda a sílaba, o que pode vir a ser analisado em trabalho futuro para se compreender melhor o papel de diferentes aspectos prosódicos na produção de CF, e na seleção de diferentes segmentos em sua produção. Interessante apontar aqui, porém, outra produção que se dá a partir do acento, mas que não está relacionada a um enunciado produzido anteriormente por outro falante: *sário*, que tem inclusive intensidade maior. Essa produção indica que o acento de fato é importante para a produção lingüística de CF, porém, um estudo mais aprofundado deve ser realizado para se aferir qual seu verdadeiro papel para a organização do discurso de CF.

5. APONTAMENTOS FINAIS

A sucinta análise promovida aqui deu maior atenção a dois aspectos que constituem a marcação prosódica da fala: a duração e a curva entoacional. Essa escolha

trechos. Nesse sentido, CF verdadeiramente se apropria do enunciado do outro ao inserir nele seu comentário a partir do uso da prosódia.

se deu por ter sido, nesses dados, estes os elementos mais presentes na estruturação do discurso de CF. Reconhece-se porém, que há outros elementos constantes na produção de CF que marcam a importância da prosódia na produção de sua fala e conseqüente construção dos turnos.

Cabe salientar também que, ainda que seja CF quem determina o uso destes recursos prosódicos com seus interlocutores, esse empreendimento somente foi possível a partir do reconhecimento desses papéis por seus interlocutores, que legitimaram a eleição que CF faz por este ou aquele recurso prosódico – e também lexical e gestual – todos ocorrendo de forma dinâmica e co-participativa. Nesse sentido, somente uma análise enunciativamente guiada permitiria perceber essa organização do discurso de CF, validando o papel conferido à prosódia em sua produção. De forma descontextualizada, tal uso poderia ser considerado como excrescente, desprovido de significação, justamente por não parecer integrado à uma investida na construção do sentido.

Se levarmos em conta, ainda, que sua produção lingüística é distinta da produção de sujeitos não afásicos, a maneira como pôde empregar os recursos prosódicos não só foi importante na constituição da significação e na reconfiguração de sua produção, como foi fundamental para a constituição da subjetividade.

Porém, cumpre apontar que não só a prosódia desempenha este papel de constante reconfiguração da produção. Neste caso, podemos dizer que a prosódia foi fundamental na organização das estruturas presentes na produção de CF, empreendendo-as de significação. Nesse sentido, este trabalho se alinha às reflexões desenvolvidas de maneira pioneira por Jakobson (1972, 1988). Ainda que haja muito a dizer sobre a relevância da Fonética no entendimento do funcionamento lingüístico, Jakobson, ao refletir sobre o papel simbólico da forma fônica da linguagem, demarcou a importância desse campo nos estudos da linguagem.

Estes apontamentos sobre o papel da prosódia só puderam ser realizados a partir da análise de dados de fala espontânea, pois é a partir da constante negociação do sentido com outros sujeitos que a importância da prosódia foi reafirmada por CF. Nesse sentido, espera-se que este trabalho possa trazer fôlego novo aos estudos em prosódia, permitindo que a mesma seja discutida a partir de dados de fala espontânea, o que poderá ajudar a compreender melhor seu papel no funcionamento da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BLANKEN, Gerhard. The functional basis of speech automatisms (recurring utterances). *Aphasiology*, vol. 5, nº2, 1991.
2. BLANKEN, Gehrard; DITTMAN, J.; WALLESch, C. Studies on the “Speechless Man”: The Case of Speech Automatisms. In BROGYANYI, B. *Prehistory, History and Historiography of Language, Speech, and Linguistic Theory*. John Benjamins Publishing Company, 1991.
3. BLANKEN, Gehrard; MARINI, V. Where do lexical speech automatisms come from? *Journal of Neurolinguistics*, Vol. 10, nº1, 1997.
4. CODE, Chris. Can the right hemisphere speak? *Brain and Language*, 57, 1997.
5. CODE, Chris. Speech automatism production in aphasia. *Journal of Neurolinguistics*, vol. 8, nº2, 1994.
6. JAKOBSON, Roman. *Child Language, Aphasia and Phonological Universals*. Mouton, 1972
7. JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1988.
8. SCARPA, Ester. Abordagens prosódicas à linguagem de sujeitos cérebro-lesados. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 31, 2001.

RESUMO: O presente artigo pretende abordar, de forma sucinta, a importância da prosódia para o processo de construção da significação na afasia, tendo como base a análise de dados do sujeito CF, participante do grupo de vivência do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) desde 1991. Sua atuação nas sessões – descrita sucintamente neste artigo – pareceu fundamental para a manutenção (e reorganização) de práticas linguísticas significativas, estando aqui em destaque o aspecto prosódico de sua produção.

PALAVRAS-CHAVE: prosódia; significação; afasia; automatismo.

ABSTRACT: the aim of this article is to discuss the role of prosody to the process of constructing signification in aphasia, considering data from a subject called CF. CF participates in the activities promoted by Centro de Convivência de Afásicos (CCA), at UNICAMP, since 1991. The sessions are all recorded and some of them were analyzed in order to produce this article. The interaction between her and other participants of the group (aphasics and non-aphasics) is considered of extremely importance to the maintenance (and also reorganization) of significant linguistic activities.

KEYWORDS: prosody; signification; aphasia; recurring utterance.